

# O conceito ‘freixo’ nos atlas linguísticos

## *The concept of ‘freixo’ in linguistic atlases*

**Mafalda Frade**

Universidade de Aveiro (UA) | Aveiro | AV | PT

<https://doi.org/10.54499/UID/04188/2025>

[mfrade@ua.pt](mailto:mfrade@ua.pt)

<https://orcid.org/0000-0002-4703-3147>

**Resumo:** Com este estudo relacionado com o conceito ‘freixo’, procurou-se documentar e analisar com detalhe a variedade fonética que este conceito assume no espaço europeu, tendo em especial atenção o que se verifica em território português, mas abrangendo também outros territórios linguísticos. Para isto, e recorrendo aos atlas linguísticos, efetuou-se uma análise fina e detalhada de variadas formas e fenómenos que se prendem com comportamentos que consoantes e vogais presentes neste vocábulo assumiram nos diversos territórios onde este conceito existe. Isto permitiu concluir pela existência de fenómenos transversais às diversas línguas, sendo que o *continuum* linguístico verificado nem sempre obedece às fronteiras políticas dos vários países.

**Palavras-chave:** freixo; dialectologia; variação linguística.

**Abstract:** This study, related to the concept of ‘freixo’ (‘ash tree’), sought to document and analyze in detail the phonetic variety that this concept assumes in the European space, with particular attention to what is observed in Portuguese territory, but also encompassing other linguistic territories. For this purpose, and with the help of linguistic atlases, a fine and detailed analysis was carried out of various forms and phenomena related to the behavior of consonants and vowels connected with this word in the different territories where this concept exists. This allowed us to conclude the existence of transversal phenomena at different languages, and that the linguistic *continuum* observed does not always obey the political borders of the various countries.

**Keywords:** freixo (ash tree’) dialectology; linguistic variation.



# 1 Introdução

O freixo (*fraxinus excelsior*, *fraxinus angustifolia*) é uma árvore de grande porte e de folha caduca da família das Oleáceas. Muito resistente a temperaturas frias, cresce sensivelmente até aos trinta e cinco metros em solos profundos e frescos, preferindo, por norma, um ambiente húmido e com boa exposição solar. É com frequência, por isso, encontrado perto de cursos de água ou planícies aluviais (mas não na orla marítima) e longe de climas secos.

Esta árvore, originária do oeste mediterrâneo (destacando-se as zonas da Europa central, de leste e do sul e Norte de África) e sudoeste asiático, não é encontrada com frequência nas zonas mais quentes do sul da Europa (como o sul da Península Ibérica), mas cresce de forma espontânea (sobretudo a variante *angustifolia*) em todo o território português (embora se encontre menos a Noroeste do país).

A sua madeira, flexível e resistente, é bastante utilizada tanto em mobiliário como no revestimento de interiores, sendo ainda usada na construção de escadas, instrumentos de trabalho variados (desde cabos de ferramentas a formas de calçado ou a molduras, por exemplo), equipamentos desportivos (como cabos de raquetes de ténis, tacos de *snooker* ou hóquei etc.) e instrumentos musicais (como guitarras). Já as suas folhas revelaram propriedades medicinais, sendo, por isso, utilizadas na produção de chá e no tratamento de doenças relacionadas, por exemplo, com o reumatismo ou com o colesterol alto.

## 2 O conceito ‘freixo’

A palavra freixo apresenta, nas diversas línguas românicas uma variação de fundo fonético. A origem etimológica desta palavra radica na palavra latina *fraxinus*,<sup>1</sup> que serve de base à grande maioria das formas patentes na análise efetuada. Verifica-se, no entanto, uma variação interes-sante nas diversas línguas, já que a palavra não evoluiu de forma igual dentro dos vários territórios em que foi documentada. Os fenómenos mais interessantes relacionam-se com a palatalização de [ks] (<x>), a sua alternância com a nasal intervocálica (ou se mantém uma pré-palatal ou uma nasal ou as duas em concomitância) e as mudanças verificadas a nível da vogal tónica. Por fim, será feita referência a alguns fenómenos menos recorrentes, como a queda da fricativa inicial. Cada um destes fenómenos será analisado em separado, de forma a darmos conta de pormenores relevantes.<sup>2</sup>

### 2.1 O segmento [ks]

O segmento [ks] (<x>) sofreu diferentes evoluções no espaço das diversas línguas românicas e, no que diz respeito à língua portuguesa, a sequência [ks] (<x>) em posição intervocálica

<sup>1</sup> Nascentes, 1932, verbete: "Freixo".

<sup>2</sup> Para a elaboração deste artigo, foram utilizados diversos mapas linguísticos, referenciados nas notas de rodapé. Na primeira menção a cada mapa, apresenta-se a referência completa, seguida de uma sigla correspondente ao seu título, utilizada nas menções posteriores.

sofreu uma palatalização, dando origem a uma pré-palatal [ʃ] precedida de semivogal (palatal ou anterior) [j] (Huber, 2006, p. 123; Nunes, 1989, p. 126-127). Eis alguns exemplos:

*Alexiu > Aleixo coaxare > queixar*

Esta mudança provoca a ditongação da vogal tónica, que é comum em quase todo o território de Portugal, a que se seguiu uma assimilação a nível de altura e, por consequência, a transformação do ditongo [aj] em [ej, ej] (Huber, 2006, p. 55-56)<sup>3</sup> ou a sua redução para [e] (Nunes, 1989 p. 43-44).

No caso do Português, uma análise apurada às formas existentes permitiu perceber que a Norte e Centro do país – isto é, até aos distritos de Guarda, Coimbra e Leiria – há praticamente uma uniformização da forma usada, já que esta varia, não a nível da pré-palatal, mas a nível do ditongo:

[fr'ejju], [fr'ejju]

No que diz respeito ao Sul do país, abaixo dos distritos referidos anteriormente, estas formas coexistem com outras, percebendo-se que se deu a monotongação do ditongo para [e]: [fr'ejju].

Em outras línguas românicas, verifica-se que o fenómeno anteriormente descrito é similar. Assim, em todo o território do Galego há bastante uniformidade,<sup>4</sup> embora haja alguma variação a nível da fricativa usada e dos ditongos (em [ej, ej]). Aqui predomina, de forma clara, [fr'ejju].<sup>5</sup>

O fenómeno volta-se a repetir em Aragão,<sup>6</sup> de modo mais concreto na zona de fronteira com a região autónoma da Catalunha, onde a forma mais corrente é [fr'ej].<sup>7</sup> Em território catalão<sup>8</sup> propriamente dito estas formas também estão presentes.<sup>9</sup> espalhando-se pela fronteira com França (Brunot, 1956, p. 40), uma vez que existe um *continuum* linguístico:

[fr'ejʃ]<sup>10</sup>, [fr'aj]e<sup>11</sup>, [fr'ejʃ]<sup>12</sup>, [fr'esrɪ]<sup>13</sup>

<sup>3</sup> Dá-precisamente o exemplo de *freixo* que existe, já no século X, na forma *Freixeno* (topónimo).

<sup>4</sup> Ver: mapas 335 e 51, em: GARCÍA, Constantino, Antón SANTAMARINA (dir.). *Atlas lingüístico galego*: fonética. 1. ed. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenoza, 1999. (ALG).

<sup>5</sup> Só na orla marítima há variação a nível da fricativa (pontos C17, C21, C22, C27, C33, C38, C41, C45, C49, P28). O ditongo [ej] surge, isolado, nos pontos C40, L28, L38 e P17.

<sup>6</sup> Ver: mapa 399, em: ALVAR, Manuel. *Atlas lingüístico y etnográfico de Aragón, Navarra y Rioja*. 1. ed. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, cop. 1983. (ALEANR)

<sup>7</sup> Pontos Huz05, Huz07, Hu403, Hu404, Te207, por exemplo.

<sup>8</sup> Ver: Corominas, 1986, verbete "freixe".

<sup>9</sup> Ver: mapa 257, em: GUITER, Henri. *Atlas linguistique des Pyrénées Orientales*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1966. (ALPO)

<sup>10</sup> Pontos 417, 301 na Catalunha e, em França, 331, 190, 339 e 375, 167 (com ligeiras variações na vogal final), por exemplo. Note-se que nas formas francesas a vibrante é realizada como [ʃ].

<sup>11</sup> Pontos 163, 132, 19, por exemplo.

<sup>12</sup> Território de fronteira, pontos 457, 430, 350, 329, 256, 79, 113, 87, 150 e 194, por exemplo. Bastante similares são os pontos 794, 795, 797, 796 e 798. Ver: mapa 611, em: GILLIÉRON, J. e E. EDMONT. *Atlas linguistique de la France*. 1. ed. Paris: Honoré Champion, 1920. (ALF)

<sup>13</sup> Pontos 299, 112.

Estas formas estão, de resto, bem marcadas na zona do Sul de França, embora, em lugar da pré-palatal, nesta região possa ocorrer uma fricativa dental não-vozeada, que alterna com a pré-palatal (La Chaussée, 1977, p. 149), abrangendo:

- ◆ metade do território do Leonês, onde se conhece a existência de formas como [fʁ'ɛs],<sup>14</sup> [fʁ'ajs]<sup>15</sup> ou [fʁ'ɛso];<sup>16</sup>
- ◆ o Sul dos Alpes<sup>17</sup> e Norte da Provença, onde estão presentes formas como [fʁɛsɪ]<sup>18</sup> ou [fʁajs'e];<sup>19</sup>
- ◆ a zona do Maciço Central e sua fronteira norte (nomeadamente a parte sul de Limousin Basse Auvergne) e sudeste (região do Languedoc Ocidental e Oriental), onde é possível encontrar formas como [fʁ'ajsɪ]<sup>20</sup> ou [fʁ'ejʃi];<sup>21</sup>
- ◆ o território da Gasconha (à exceção do Norte) onde também conseguimos encontrar a presença da forma [fʁ'ajsɪ],<sup>22</sup> [fʁ'ejʃi]<sup>23</sup> ou [fʁ'ɛʃi].<sup>24</sup>

O fenómeno ultrapassa, também aqui, a fronteira geográfica com Itália, já que ocupa parte do território italiano (verificando-se sobretudo nas zonas de Piemonte e Ligúria), onde é possível observar a presença de formas como [fr'ajʃi],<sup>25</sup> [fr'ajsɪ],<sup>26</sup> [fr'asu].<sup>27</sup>

Note-se que, apesar deste *continuum* verificado no uso da pré-palatal ou da fricativa, há variações atestadas a nível da vogal ou ditongo tónicos. Assim, em território francês, e à exceção

---

<sup>14</sup> Pontos 36, 48, 56, 54, 62, 70 (GARDETTE, Pierre. *Atlas linguistique et ethnographique du Lyonnais*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1976. (ALL) – mapa II.429) e 808 (ALF, mapa 611), por exemplo. Note-se que a este da região leonesa há ainda presenças desta forma (pontos 804, 703, 601, por exemplo).

<sup>15</sup> Pontos (ainda que com ligeiras variações) 58, 60, 68, 72, 74 (ALL, mapa II.429) e 816 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>16</sup> Pontos 37, 50, 53 (ALL, mapa II.429) e 818 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>17</sup> Ver: mapa 527, em: MARTIN, Jean-Baptiste e Gaston TUAILLON, *Atlas linguistique et ethnographique du Jura et des Alpes du Nord* (francoprovençal central). 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1971. (ALJA)

<sup>18</sup> Pontos 71-73, 76, 77 (ALJA, mapa 527) e 838, 868 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>19</sup> Pontos como 82, 80 (ALJA, mapa 527) e 849, 857, 855, 866, 879, 980, 889, 888, 990 ou 992 (ALF, mapa 611).

<sup>20</sup> Pontos (ainda que com ligeiras variações) 1, 6, 7, 2, 3, 4, 17, 34, 37, 38, 43, 54, 42, 20 (NAUTON, Pierre. *Atlas linguistique et ethnographique du Massif Central*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1963. (ALMC) – mapa 266) e 707, 722, 731, 811, 815, 825, 833, 830, 737, 724, 741, 755, 766, 763, 758, 779, 787 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>21</sup> Pontos (ainda que com ligeiras variações) 609, 617, 616, 619, 638, 720, 785, 784 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>22</sup> Pontos 636, 648, 649, 760 (SÉGUY, Jean. *Atlas linguistique de la Gascogne*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1973. (ALGasc.) – mapa 157) e 636, 637, 750, 752, 762 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>23</sup> Pontos (ainda que com ligeiras variações) 548, 549, 643, 782, 791 (ALGasc., mapa 157) e 772, 782, 791 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>24</sup> Pontos (ainda que com ligeiras variações) 650, 647, 762, 772, 791 (ALGasc., mapa 157) e 647, 648, 658 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>25</sup> Pontos 380, 420, 430, 510, 630 (CANOBIO, Sabina e Tullio TELMON. *Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte Occidentale* – ALEPO. 1. ed. Torino: Priuli & Verlucca, 2003. (ALEPO) – mapa I-1-130), por exemplo, ainda que com algumas variações.

<sup>26</sup> Pontos 530, 520, 710, 810 (ALEPO, mapa I-1-130), 142, 140, 152, 161, 170 (JABERG, Karl. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. 1. ed. Zofingen: Verlagsanstalt Ringier, 1940. (AIS) – mapa 588) e 992, 972 (ALF, mapa 611), por exemplo.

<sup>27</sup> Pontos 13 (ALEPO, mapa I-1-130), 124, 135, 137, 147, 158, 155, 165, 176, 177, 169, 500 (AIS, mapa 588), por exemplo, ainda que com algumas variantes. Esta forma também surge mais a sul, com ligeiras variações, nos pontos 664, 722, 724, 765, 819, 783. (Wagner, 1964), verbete "frassu".

da região da Gasconha, a tendência generalizada é para conservar o ditongo em posição tónica junto da pré-palatal ou fricativa, ao passo que, em Itália, por exemplo, predomina a vogal [a].

Por fim, é de realçar ainda que em todas estas formas observadas se deu a queda da nasal em posição intervocálica. Há, no entanto, formas em que não há eliminação da nasal, pelo que também aqui se verificam alguns fenómenos interessantes.

### 3 Comportamento da nasal intervocálica

#### 3.1 A supressão

Em Português, é comum a evolução fonética da nasal intervocálica em posição pós-tónica ser a supressão<sup>28</sup>. É precisamente o que sucede no caso das formas documentadas:

fraxinu > freixeo, freisseo > freixo<sup>29</sup>

Este fenómeno verifica-se também nos casos que estudámos anteriormente e ainda em casos raros, em que não se encontra a presença nem de pré-palatal nem de nasal: [fr'aj]<sup>30</sup>.

#### 3.2 A presença junto de palatal

Há casos em que foi possível concluir que não se dá a supressão da nasal, mas sim da vogal que a precedia, o que originou a presença lado a lado da palatal e da nasal. Nesse contexto, a pré-palatal, por assimilação à nasal, torna-se vozeada. É o que sucede no distrito de Bragança (Sendim), onde se destaca a forma [fr'eznu] (note-se que estamos em território do Mirandês), que é recorrente no território de Espanha (está presente em toda a Cantábria,<sup>31</sup> La Rioja, Navarra e Aragão<sup>32</sup>), sendo, porém, raríssima em outras línguas românicas. De facto, não está documentado em qualquer parte de França e, em Itália, este fenómeno encontra-se atestado apenas em pontos isolados,<sup>33</sup> tal como na Roménia.<sup>34</sup>

<sup>28</sup> Um dos destaques vai precisamente para o caso das vogais postónicas nas sequências –ena e –enu. (Huber, 2006, p. 140).

<sup>29</sup> Note-se a existência da fase intermédia, em que subsiste uma vogal medial –e– a seguir à palatal

<sup>30</sup> Pontos 163 (AIS), região da Provença, em França (com [β]), nos pontos 841, 851, 861, 874, 893, 876 com variação em [fr'ej] (ALF), ponto 8 (ALMC).

<sup>31</sup> À exceção dos pontos 108, 308, 309, 311, 300, 305, 306, 402, 207 e 401 (ALVAR, Manuel. *Atlas lingüístico y etno-gráfico de Cantabria*. 1. ed. Madrid: Arco Libros, cop. 1995. (ALCant) – mapa 1078).

<sup>32</sup> À exceção dos pontos Na 103, Hu101-105, Hu108-110, Z100, Z200, Hu200-202, Hu205-207, Hu400-405, Hu408, Hu602, Z606, Te204-205, Te207 (ALEANR). Nestes territórios, a vogal tónica pode assumir uma posição central e mais baixa.

<sup>33</sup> Pontos 311, 305, 314, 453, 476 (AIS).

<sup>34</sup> Pontos 47 e 76 (SARAMANDU, Nicolae. *Atlasul lingvistic român pe regiuni*. 1. ed. Bucuresti: Editura Academiei Române, 2005. (ALR) – mapa 599).

### 3.3 A presença em posição intervocálica

Mais frequente é a manutenção do segmento [ks] e de [n] no mesmo vocábulo, variando a consoante originada pelo segmento [ks] e as vogais que surgem na palavra. Este fenómeno, que não ocorre na língua portuguesa nem na língua galega e é raro nas variedades do Norte de Espanha<sup>35</sup>, está bem patente, contudo, no mapa linguístico de Itália (e também em formas romenas), onde a variedade de formas é muito grande. Note-se que, neste caso, a influência da forma latina original é bastante relevante, verificando-se, sobretudo, uma simplificação do segmento [ks], transformado na fricativa [s], a presença, como vimos anteriormente, de ditongo ou vogal em posição tónica e a queda da vogal final latina, fenómeno que é comum na evolução das diversas línguas. É possível, assim, registar alguns exemplos das formas observadas (note-se que as formas terminadas em vogal também ocorrem sem a mesma): [fr'asen]<sup>36</sup>, [fr'asen]<sup>37</sup>, [fr'ajsen]<sup>38</sup>, [fr'asine]<sup>39</sup>, [fr'asino]<sup>40</sup>, [fr'aseno] ou [fr'asenu]<sup>41</sup>, [fr'asin]<sup>42</sup>.

### 3.4 A presença isolada

Por fim, é também possível encontrar formas em que o segmento [ks] desapareceu por completo em posição intervocálica, dando lugar a formas em que se regista apenas a presença de nasal junto a vogal ou ditongo. Este fenómeno surge na região espanhola da Cantábria<sup>43</sup> e na zona de fronteira, a norte de Itália<sup>44</sup>, sendo ainda muito vulgar no território de França<sup>45</sup>, onde aparece em todo o Norte e Centro do país, estando delimitado, a sul, pelas formas palatalizadas que atrás estudámos.

De facto, em todo o Norte de França, a forma mais frequente é [fʁ'en]<sup>46</sup>, mas a forma [fʁ'ɛn] surge sobretudo no centro do país, a partir da região do Oeste<sup>47</sup> até à Borgonha e prolongando-se daí até à fronteira<sup>48</sup>. Na zona mais a sul, é delimitada pela região da Gasconha<sup>49</sup>

<sup>35</sup> Observa-se nos pontos Hu101-105, Hu108-110, Z100, Z200, Hu200, Hu206 (ALEANR), onde apresenta formas como [fraʝino] (com presença ou não da vogal final), [fraʝen] ou [fraʝ'in]. A forma [fraʝino]/[fraʝinu] também é representada no mapa da Gasconha (ALGasc), no ponto E1.

<sup>36</sup> Pontos 209, 118, 73, 223, 218, 331, 323, 346, 256, 285, a Norte, 454, 189, no Centro (AIS) e 762 (ALR), por exemplo.

<sup>37</sup> Pontos 117, 31, 234, 45, 19, 238, 286, 330, 288, 289, 436, a Norte, 466, 490, 459 ao Centro (AIS), por exemplo.

<sup>38</sup> Pontos 1, 5, 10, 11, a Norte (AIS), por exemplo.

<sup>39</sup> Pontos 362, 187, 542, 534, 551, 582, 567, ao Centro (AIS), por exemplo.

<sup>40</sup> Pontos 363, 511, 541, 581, 803, 824, 819, 858 (AIS), por exemplo. Ver: Battisti (1965), verbete "fràssino".

<sup>41</sup> Pontos 372, 393, 544, 535, 630, 826 (AIS), por exemplo.

<sup>42</sup> Pontos (AIS) 531, 537, 520, 728, 872 (ALR), por exemplo.

<sup>43</sup> Mais concretamente, nos pontos 108, 308, 309, 311, 300, 305, 306, 402, 207 e 401 (ALCant).

<sup>44</sup> Pontos 110, 120, 350 (ALEPO) e 121-123, 131, 132 e 143 (AIS).

<sup>45</sup> Dauzat, 1938, verbete "frêne".

<sup>46</sup> A título de exemplo, vejam-se pontos nas zonas de fronteira ou costeiras como 467, 485, 393, 268, 280, 178, 181, 65 ou 936 (ALF). Há formas semelhantes a estas cuja vogal é ligeiramente nasalada, por influência da nasal seguinte (pontos 276, 264 ou 251, por exemplo).

<sup>47</sup> Pontos 458, 531, 525, 528, 517, 509 (ALF), por exemplo.

<sup>48</sup> Pontos como 104, 1, 3, 5, 7, 16, 26, 36, 54 (ALF).

<sup>49</sup> Que apresenta, a Norte, algumas formas só com nasal (pontos 630, 632, 634, 641 do ALF e ALGasc), por exemplo.

e Limousin Basse Auvergne<sup>50</sup> e surge, com as formas [fʁ'en] e [fʁ'on], no território leonês<sup>51</sup> e na zona do Maciço Central<sup>52</sup>.

Por fim, é de realçar ainda o que sucede na região da Valónia, a Norte de França que, na zona Este, apresenta sobretudo formas em [fʁ'enɪ]<sup>53</sup>, embora nas zonas de fronteira se possam observar formas em [fʁ'enɪ]<sup>54</sup>. De resto, todo o Centro-Oeste do país apresenta uma forma em [fʁ'ini]<sup>55</sup>. De realçar ainda o Norte da região, onde nos deparamos com a presença de uma nasal palatal vozeada [ɲ]. Também neste caso, há mudança a nível da sílaba tónica: [fʁ'ɛɲɪ]<sup>56</sup> e [fʁ'ɪɲɪ]<sup>57</sup>. Este mesmo fenómeno foi observado na zona dos Alpes italianos, onde surge a forma [fʁ'ɛɲu]<sup>58</sup>.

## 4 Outros fenómenos observáveis

### 4.1 Comportamento do grupo consonântico inicial

#### 4.1.1 Manutenção do grupo

Há casos de formas em que todas as consoantes desapareceram, à exceção do grupo inicial, que se mantém na palavra. Assim acontece sobretudo no sul da Provença francesa, onde surgem formas como [fʁ'aj]<sup>59</sup> ou [fʁ'ɛj]<sup>60</sup>.

Em território da Itália, precisamente perto da Provença, também surge a forma [fʁ'aj]<sup>61</sup>, existindo ainda uma outra onde há a presença de uma aspiração intervocálica: [fr'aihu]<sup>62</sup>. Este último fenómeno surge em outro ponto do Norte de Itália, mas aqui mantém-se a nasalação da vogal final [fr'ahen]<sup>63</sup>. Um fenómeno com parecenças é aquele que é possível observar na Cantábria, onde as formas que conservam a nasal<sup>64</sup> são marcadas por uma ligeira aspiração: [fr'ehno]<sup>65</sup>.

<sup>50</sup> Onde a sílaba tónica apresenta o ditongo [ej] nos pontos, por exemplo, 605, 606, 608, 610 (ALF).

<sup>51</sup> Neste território [fʁ'en] predomina a Norte e [fʁ'en] ao Centro, embora esta última forma se estenda pela fronteira com o território dos Alpes. Note-se que, nos pontos 17, 26, 27, 29, 30 e 31 (ALMC) e 912 (ALF) existe uma forma em [fʁ'on].

<sup>52</sup> Aqui, surge apenas nos pontos 2, 3, 5, 15, 7, 9, 69, 68, 55, 70, 74, 53, 63 e 64 (ALJA) e 23, 33, 32, 21, 22, 10, 919, 922, 921 (ALF) com e sem vogal final. Em todo o resto do território predomina a forma [fʁ'en], também com e sem vogal final (ALJA), sendo registada uma única forma em [fʁ'ono], em: SÉGUY, J. *Les Atlas linguistiques de la France par régions*. 1. ed. Langue française, Année 1973, Volume 18, Numéro 1. pp. 65-90. (ALRF)

<sup>53</sup> Por exemplo, Th, 14, 25, 64, Ph 79, 61, 15, Ch61, 28, 4, S1, 19 (HAUST, Jean, *Atlas linguistique de la Wallonie*. 1. ed. Liège: Université de Liège, 2006. (ALW) – mapa 77).

<sup>54</sup> Pontos No 1, To37, 73, 48, 43, Na44, Ph16, 33, Ar1, 2, D94, 110 e, a Sul e Oeste, Vi6, 8, 13, 18, 22 e B23, 27 (ALW).

<sup>55</sup> Por exemplo, Na 59, 99, H2, 46, Ma12, 1, 51, Ne14, 31, 44 (ALW).

<sup>56</sup> Pontos L1, 2, 4, 7, 14, 39, 61, 66 (ALW).

<sup>57</sup> Pontos W13, 30, L35 (ALW).

<sup>58</sup> Pontos 210, 310 (ALEPO).

<sup>59</sup> Pontos 840, 841, 851, 852, 861, 874, 885, 876, 887, 893-895, 898 (ALF).

<sup>60</sup> Pontos 863, 871, 884, 896, 897, 899 (ALF) e 146 (ALPO).

<sup>61</sup> Ponto 163 (AIS).

<sup>62</sup> Ponto 230 (ALEPO).

<sup>63</sup> Pontos 245, 247, 258, 254 (AIS).

<sup>64</sup> Ver: 2.4, sobre a nasal.

<sup>65</sup> Mais concretamente, nos pontos 108, 308, 309, 311, 300, 305, 306 (ALCant).

#### 4.1.2 Queda da fricativa inicial

Para além de todos estes fenómenos que observámos, foi possível documentar a existência de outros mais raros, mas que também são visíveis. Assim, é interessante notar que, no território da Gasconha se verifica a queda da fricativa inicial. A este nível observam-se dois tipos de comportamento:

- ♦ a fricativa é substituída por uma aspiração, mantendo-se assim, na palavra, o seu vestígio: [hɛʷ'ɛʃu]<sup>66</sup>, [hɛʷ'ɛʃe]<sup>67</sup>, [hɛʷ'eʃje]<sup>68</sup>, [hɛʷ'eʃɛ]<sup>69</sup>, [hʉʉ'olej]<sup>70</sup>;
- ♦ a fricativa desaparece, mas mantém-se uma vogal inicial: [ɛʷ'ɛʃu]<sup>71</sup>, [aʷ'ɛʃu]<sup>72</sup>;
- ♦ a fricativa desaparece, mantendo-se apenas o [ʉ], o que dá origem a formas reduzidas como [ʉɛ]<sup>73</sup>, [ʉ'ɛʃu]<sup>74</sup> ou [ʉ'aʃu]<sup>75</sup>.

#### 4.1.3 Presença de outras consoantes

Para além de tudo isto que foi analisado ao longo deste estudo, é possível ainda observar que o grupo inicial pode sofrer outras mudanças. É o que acontece na Sardenha, região em que este grupo apresenta a particularidade de a fricativa ser vozeada, aparecendo, apenas nesse território, a forma [vr'asu]<sup>76</sup>.

Em outros lados, por seu turno, a mudança que se dá no grupo inicial não se opera na fricativa, mas sim na vibrante que a acompanha e que passa, em alguns casos, a lateral: [l], sendo possível encontrar, assim, formas como [fl'eʃin]<sup>77</sup>.

#### 4.2 Presença de formas com variações consonânticas

Já no que diz respeito à existência de formas com variações consonânticas, é importante ainda a realçar a presença da lateral no fim de algumas das formas atestadas, como sucede em [fr'aʃit]<sup>78</sup> e [frɛj'ɛt]<sup>79</sup>, e de uma oclusiva velar não vozeada também no fim de outras, como

<sup>66</sup> Pontos 679, 760, 771, 699 (ALF) e 669, 687-689, 695-699, 771, 760, 679 (ALGasc).

<sup>67</sup> Pontos 781, 790 (ALF) e 781, 790, 780, 689 (ALGasc).

<sup>68</sup> Ponto 790 SE (ALGasc).

<sup>69</sup> Ponto 790 NE (ALGasc).

<sup>70</sup> Ponto 695 O (ALGasc).

<sup>71</sup> Pontos 687-689, 696, 698, 780 (ALF) e 780, 781, 699 (ALGasc).

<sup>72</sup> Pontos 686, 694 (ALF e ALGasc).

<sup>73</sup> Pontos como 665, 645, 656 (ALF) e 645, 664 (ALGasc).

<sup>74</sup> Pontos como 667, 678, 685, 669, 657 (ALF) e 680, 691, 685, 693, 667, 659, 678 (ALGasc).

<sup>75</sup> Pontos como 691 (ALF) e 680, 690, 683, 691 (ALGasc).

<sup>76</sup> Pontos 916, 943, 941, 955, 985, 990 (AIS).

<sup>77</sup> Pontos Hu 200 (ALEANR) e E3 (ALGasc).

<sup>78</sup> Pontos Hu 104 (ALEANR) e E2 (ALGasc).

<sup>79</sup> Ponto Hu 202 (ALEANR).

se verifica no sul da Provença – [fʁ'ask]<sup>80</sup> e [fʁ'ɛfek]<sup>81</sup> – ou em território italiano – [fr'ajek] ou [fr'ɛjek]<sup>82</sup>, [fr'asink]<sup>83</sup> – e ainda uma forma com oclusiva velar vozeada: [fr'asegen]<sup>84</sup>. Na Roménia, consegue-se ainda comprovar a existência de segmentos consonânticos diferentes em posição intervocálica, como se observa no caso de [ps]<sup>85</sup>, [pt]<sup>86</sup>, [zn]<sup>87</sup>, [sn]<sup>88</sup> e [ks]<sup>89</sup>.

Outra variação, que encontramos na língua portuguesa, diz respeito ao uso do sufixo *-eiro* com a forma *freixo*, produzindo a palavra 'freixeiro' que encontramos sobretudo atestado com a forma [frɛʃeru] no Sul do país (Alentejo e Algarve)<sup>90</sup>. Esta forma também aparece em territórios de outras línguas românicas, como por exemplo, na zona dos Pirenéus Orientais, onde temos [fr'iʃerɨ]<sup>91</sup>, e na fronteira entre as regiões autónomas de Aragão e Catalunha, onde é possível encontrar atestações como [fr'ɛjʃere] ou [fr'ɛjʒere]<sup>92</sup>.

### 4.3 Formas com outras origens

Por fim, a esta árvore são ainda associados outros nomes que não se originaram na palavra latina *fraxinus*. Embora estas atestações não sejam objeto de estudo deste trabalho, é importante dar conta da sua existência e deixar aqui algumas indicações ou fazer conjeturas sobre as origens das principais, deixando assim campo aberto para novas investigações.

Encontramos, assim, formas diferentes desta que foi estudada nesta investigação a Norte de Navarra e Sul da Gasconha: [lisθ'a.ɛ]<sup>93</sup>, [liθ'aʃe]<sup>94</sup>, [liθ'aʃa]<sup>95</sup>, [liθ'ɛʃa]<sup>96</sup>, [l'ɛjsaʃa]<sup>97</sup>, sendo possível conjeturar que é provável que estas formas tenham relação com o nome 'lizar' (basco para 'freixo' segundo Eys (1873)), dada a proximidade entre as regiões mencionadas e o País Basco.

<sup>80</sup> Ponto 899 (ALF).

<sup>81</sup> Ponto 196 (ALPO).

<sup>82</sup> Ponto 114, na zona Norte dos Alpes italianos (AIS).

<sup>83</sup> Extremo Noroeste de Itália, ponto 349 (AIS).

<sup>84</sup> Ponto 243 – ver conceitos listados no mapa (AIS).

<sup>85</sup> Pontos 64, 279, 36 (ALR).

<sup>86</sup> Pontos 310, 316 (ALR).

<sup>87</sup> Ponto 47 (ALR).

<sup>88</sup> Ponto 76 (ALR).

<sup>89</sup> Ponto 250 (ALR).

<sup>90</sup> Nos pontos, por exemplo, B13, B14, E5, F12, F13 (mapa de Portugal).

<sup>91</sup> Pontos 446, 451 e, com ligeiras variações vocálicas, 410, por exemplo (ALPO). Note-se que as formas de origem francesa terão um [ʃ].

<sup>92</sup> Pontos Te 204, 205 (ALEANR).

<sup>93</sup> Pontos Na 101, 102, 104 (ALEANR).

<sup>94</sup> Pontos Na 200 (ALEANR).

<sup>95</sup> Ponto Na 100 (ALEANR).

<sup>96</sup> Ponto Na 103 (ALEANR).

<sup>97</sup> Ponto 691 O (ALGasc).

Para além disto, há variadíssimas formas que podem ser encontradas sobretudo no Centro de Itália – [‘orno]<sup>98</sup>, [orn’elo]<sup>99</sup>, [abornj’elo]<sup>100</sup> etc. – e que parecem ter origem também no latim, mas agora no nome *ornus*, *i*, vocábulo também utilizado para designar *freixo*.<sup>101</sup>

Já a forma [m’ane]<sup>102</sup>, que surge em Itália, mais concretamente na Sicília, é originária do latim *manna*, *ae* (vocábulo que significa ‘grão’, ‘parcela’ e que deu origem, por exemplo, à palavra ‘maná’ referida no livro da Bíblia) e designa, no início, uma substância dulcíssima e laxante que se recolhe do freixo, tendo passado depois a designar a própria árvore<sup>103</sup>.

## 5 Conclusão

Com este estudo, procuramos documentar a variedade fonética que o conceito ‘freixo’, originário da palavra latina *fraxinus*, assume no espaço europeu, nomeadamente no que diz respeito à sua presença em diversas línguas românicas. Para isto, considerámos as diversas atestações desta palavra existentes em vários atlas linguísticos. A partir destes, foi então possível listar, agrupar e analisar variadas formas e fenómenos que se prendem com diversos comportamentos que consoantes e vogais assumiram nos diversos territórios de influência românica onde este conceito existe.

A partir da investigação efetuada, pudemos então perceber que há fenómenos que atravessam fronteiras geográficas e que são transversais às diversas línguas – relacionados, por exemplo com a manutenção do segmento [ks] em diversos territórios; com mudanças verificadas no grupo consonântico inicial; ou com a presença de variações consonânticas em formas distintas – o que nos permite chegar à conclusão de que o *continuum* linguístico verificado a propósito desta palavra nem sempre obedece às fronteiras políticas dos vários países. Por fim, foi possível ainda recolher atestações com outras origens etimológicas e conjeturar sobre a sua origem, abrindo assim a possibilidade de novos estudos sobre este tema.

## Referências

ALVAR, Manuel. *Atlas lingüístico y etnográfico de Aragón, Navarra y Rioja*. 1. ed. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, cop. 1983.

ALVAR, Manuel. *Atlas lingüístico y etnográfico de Cantabria*. 1. ed. Madrid: Arco Libros, cop. 1995.

*Árvores e arbustos de Portugal: Freixo*. Disponível em: [http://arvoresdeportugal.free.fr/IndexArborem/Ficha\\_freixo\\_Fraxinus\\_angustifolia.htm](http://arvoresdeportugal.free.fr/IndexArborem/Ficha_freixo_Fraxinus_angustifolia.htm) (acesso em: 30 de outubro de 2025).

BATTISTI, Carlo. *Dizionario etimologico italiano*. 1. ed. Firenze: G. Barbèra, 1965.

<sup>98</sup> Pontos 354, 365, 363, 557, 664, por exemplo (AIS).

<sup>99</sup> Por exemplo, pontos 553, 564, 583, 624, 633 (AIS).

<sup>100</sup> Ponto 532 (AIS).

<sup>101</sup> A terminação -elus terá provável origem no sufixo diminutivo latino -ulus/-ellus.

<sup>102</sup> Pontos 821, 851 (AIS).

<sup>103</sup> Pia (2004–2008).

- BRUNOT, Ferdinand. *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson, 1956.
- CANOBBIO, Sabina e Tullio TELMON. *Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte Occidentale – ALEPO*. 1. ed. Torino: Priuli & Verlucca, 2003.
- COROMINAS, Joan. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. 1. ed. Barcelona: Curial, 1983-1995.
- DAUZAT, Albert. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 1. ed. Paris: Larousse, cop. 1938.
- EYS, W.J. van, *Dictionnaire Basque-Français*. 1. ed. Paris: MAISON NEUVE, 1873.
- GARCÍA, Constantino, Antón SANTAMARINA (dir.). *Atlas lingüístico galego: fonética*. 1. ed. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenoza, 1999.
- GARDETTE, Pierre. *Atlas linguistique et ethnographique du Lyonnais*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1976.
- GILLIÉRON, J. e E. EDMONT. *Atlas linguistique de la France*. 1. ed. Paris: Honoré Champion, 1920.
- GUI TER, Henri. *Atlas linguistique des Pyrénées Orientales*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1966.
- HAUST, Jean. *Atlas linguistique de la Wallonie*. 1. ed. Liège: Université de Liège, 2006.
- HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- JABERG, Karl. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. 1. ed. Zofingen: Verlagsanstalt Ringier, 1940.
- LA CHAUSSÉE, François de. *Initiation a la morphologie historique de l'ancien français*. 1. ed. Paris: Klincksieck, 1977.
- MARTIN, Jean-Baptiste e Gaston TUAILLON, *Atlas linguistique et ethnographique du Jura et des Alpes du Nord* (francoprovençal central). 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1971.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livr. Acadêmica, 1932.
- NAUTON, Pierre. *Atlas linguistique et ethnographique du Massif Central*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1963.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* (Fonética e Morfologia). 1. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989.
- PIANIGIANI, Ottorino, Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana. In: DIZIONARIO Etimologico Online. [A.I.]: Francesco Bonomi, c2004–2006. Disponível em: <http://www.etimo.it/?pag=hom>. Acesso em: 10 set. 2025.
- SARAMANDU, Nicolae. *Atlasul lingvistic român pe regiuni*. 1. ed. Bucuresti: Editura Academiei Române, 2005.
- SÉGUY, J. *Les Atlas linguistiques de la France par régions*. 1. ed. Langue française, Année 1973, Volume 18, Numéro 1. p. 65-90.
- SÉGUY, Jean. *Atlas linguistique de la Gascogne*. 1. ed. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1973.
- WAGNER, Max Leopold. *Dizionario etimologico sardo*. 1. ed. Heidelberg: Carl Winter, 1960-1964.